

[...] n o s sempre t i v e m o s uma situação econômica muito boa na minha casa, mas agora está ruim e eu acho que vai ficar cada vez mais ruim, mas normalmente a gente morava muito bem. Tínhamos todas as coisas certinhas, mas a inflação a cada ano foi acrescentando mais valor às coisas, mas a gente sempre trabalhou muito, tínhamos as coisas certinhas, mas agora não conseguimos mais fazer. Então a situação econômica como tal a gente tinha boa, mas a inflação cada dia aumentava mais e mais. (Araguaney, 31 anos, 04/04/2019) Para o empregador isso (ser formado) era ruim, porque eu fui a várias entrevistas de trabalho na Missão Paz, que eles têm entrevistas de terça e quinta com empregadores e eu sempre passava para segunda fase, mas as al me diziam "Ah! Mas você é formado". E eu dizia "Qual é o problema? ", e eles respondiam "Ah, mas você já é formado, você já fala diferente". Diziam que eu tinha um outro perfil e não era o que eles estavam procurando. (Carlos, 35 anos, 19/03/2019) Primeiro entra como turista e pode ficar por três meses, aí eu optei pela residência temporária. Aí, como eu cheguei por aí, eu tive que sair pra fazer a entrada trimestre e conseguir o selo para fazer o pedido de residência temporária. Agora esse ano tenho que renovar e acho que vou tirar o permanente. (Rafael, 28 anos, 27/03/2019) Chegando aqui em Cáritas eles me acolhem e o advogado de lá me orientou como eu tinha que fazer o tratamento com CONARE... ele também me ajudou a contar a minha história, o porque que eu era solicitante de refúgio, que no meu caso foi porque eu sofri perseguição política, então eu expliquei tudo para ele, tive que mostrar todas as provas que eu tinha, não sei se foi influência ou casualidade, mas depois de uma semana fui chamado para o CONARE para fazer a entrevista... (Carlos, 35 anos, 19/03/2019). [...] eu vim e eu chorei no caminho, chorei, chorei e chorei. Fiquei um dia sem comer. Eu tinha comida, mas não dava vontade de comer, aí eu peguei uma coroa para um lugar que chamo San Fel, mas trazia pouco dinheiro... em Santa Helena não tinha sobrado dinheiro para pagar até Pacarama, então tivemos que caminhar. Eu caminhei um dia e 8 horas. Vieram em oito pessoas, aí parou um carro pequeno, uma família brasileira e disse "Só temos um lugar, era pequeno (o carro), mas o mais fraco era eu, eu era o mais fraco...". Tava uma senhora e esse senhora disse que sentia desconforto de ir sozinho, então me disse "Aí, você?", mas eu já ouvia falar que havia brasileiro que maltratava venezuelanos, mas fui... (Omar, 31 anos, 22/02/2019) Já em 2013 estava super ruim para conseguir coisas, só que nós sempre não achávamos que estava ruim, sempre dávamos um jeito, tínhamos nosso trabalho, ganhávamos bem, depois o salário não dava mais pra nada... então realizei que tinha tempo que não achávamos leite, o que é muito básico, então nós nos demos conta do que estava acontecendo, foi como um choque... (Rosalva, 35 anos, 21/03/2019). Nossa! Para toda pessoa que decide migrar é forte. É forte em todos os sentidos. Você deixar sua família, um lar, suas coisas, seus sonhos... é forte completamente. É para um lugar onde você não conhece ninguém, começar do zero. Totalmente forte. (Araguaney, 31 anos, 2019) Eu cheguei com vontade de trabalhar e perguntei pra ele (conhecido "Onde arumto trabalho?" e ele me disse "Não, aqui não tem trabalho, olha a quantidade de gente na rua, você não vai conseguir aqui" e eu pensei "vou procurar trabalho" e eu comecei, eu caminhava horas e horas... sem comer. Era época de manga e eu pedia permissão para pegar uma manga e comia... Havia um restaurante perto que o dono não deixava que nós dessem comida, mas a empregada, pela parte de trás colocava a comida numa sacola e colocava no lixo... mas não era todos os dias... a fome não deixa a gente pensar e às vezes eu estive doente... (Omar, 31 anos, 22/02/2019) Eu sempre tive a mentalidade de empresário, mesmo estudando engenharia eu já estava com a mentalidade de empresário. Eu estava empreendendo lá. Quando eu vim eu dei uma empresa que eu fiz com uma amiga, então o empreendimento sempre esteve em mim. Quando eu cheguei aqui, a ideia era essa também. "Vou fazer um negócio, se conseguir um trabalho como engenheiro legal, mas não é o que eu queria pra mim... (Rafael, 28 anos, 27/03/2019) [...] no meu caso pessoal foi determinante (para minha saída) quando o governo colocou uma lei para indústria de alimentos, que era a que eu trabalhava, e ele falou que a partir do mês X as indústrias de alimentos, só iam poder vender x quantidade de produtos e eu fiquei revoltado... eu não sou empreendedora, empresária, para o governo me dizer quanto que eu vou ganhar, para isso eu passo a ser empregada. (Patrícia, 27 anos, 18/04/2019) [...] minha outra a mãe que ainda está na Venezuela, ela tem um bebê de dois anos e ela me falou ontem que acabou a comida dela, ontem o leite, o bebê comeu a última porção que tinha de comida e ficou com fome e ficou chorando e ela não sabia o que lá dar hoje (chorei), então como você faz um plano? O que é o futuro pra você? O que é o futuro? Eu só penso que tudo o que eu faço é para garantir o impulso do meu filho, só isso". (Dinorah, 41 anos, 22/03/2019) Na minha vida eu não fiz nada disso para eu fazer de abrir uma empresa, sei lá... eu estudei e me dediquei a fazer teatro, a cantar e dar aula. Desde a minha infância. Até que eu vim para cá. Aqui é muito difícil... Migrafixx vai dar um jeito, vamos tentar fazer coisas interessantes, eu estou achando muito bom. (Dinorah, 41 anos, 22/03/2019) Na Venezuela tenho uma empresa de eventos infantis. Muita interação de vi para cá é de começar novamente e trazer a empresa, não trazia propriamente, mas fazê-la aqui. Começar aqui com esse tipo de negócio. Oferecemos decoração, brinquedos infantis, pula-pula, mesas e cadeiras. Na verdade, estamos trabalhando nisso há 10 anos na Venezuela. Já temos bastante experiência! [...] (Miguel, 22 anos, 18/03/2019) [...] a gente (ela e o marido) havia ido na prefeitura e lá nos entregaram um monte de requisitos dizendo que tínhamos que ter um alvará, que tínhamos que ter um lugar com não sei quantos metros para o funcionamento, que a cozinha tinha que ter uma medida que eu não sei, que não poderia ter bolhão perto. Eu pensava que era muito difícil eu explicava que eu lá cozinhar em casa, mas eles diziam que, mesmo em casa, eu tinha que esperar a licença para produzir, então eu desanimei [...] Só a Fly vive vários anos de auto sustentabilidade e já estiver trabalhando por aí só, eu quero levar isso para a Venezuela e para outros países obviamente, então essa seria minha visão. E eu quero muito fazer uma escola Fly, que seja um colégio privado, lá na Brasilândia... acessível para as pessoas de periferia e com muita qualidade. [...] (Patrícia, 27 anos, 18/04/2019) [...] para te dar a atenção original (no restaurante) nada melhor que um venezuelano, então nós tentamos contratar venezuelanos, mas também para ajudar eles que estão em uma situação complicada e também para manter essa filosofia: uma atenção venezuelana. Também quem cozinha são venezuelanas. Então manter a tradição 100%. O mais original possível. (Rafael, 28 anos, 27/03/2019) eu vi uma coisa interessante para estar entrando com o tema de carros elétricos, então uma solução que eu, que já vai ser obrigatório, e a instalação de aparelhos para conectar os veículos para carregar nos programas. Então eu acho que o "huan far tudo" com curso de eletrificação já formado pode fazer [...] (Ivan, 44 anos, 28/02/2019) [...] fui para Cáritas da Sé, me cadastrei, vi os programas, aí eles ofereciam e de Cáritas me ligaram sobre um programa da Migrafixx de cadastro de pessoas que mexiam com gastronomia e disseram que nós havíamos sido selecionados para participar, então nós fomos e apresentamos nosso produto. (Carolina, 36 anos, 25/02/2019) [...] conheci as pessoas do "Estão Retaguardo" uma ONG... Na verdade nessa época eu estava muito desanimado, então eles falaram: "Vamos fazer o currículo. Nós temos um banco de dados", aí eu falei "Ah, tudo bem", mas eu tava muito desanimado... eles me ligaram e tinha um emprego pra mim... um restaurante... Foi o meu primeiro trabalho registrado, eu fiquei lá um ano e meio e eu saí por mim, eles não me mandaram embora, e porque eu já queria fazer outras coisas, eu queria me dedicar mais ao negócio que a gente (ela e a esposa) tinha aberto. (Carlos, 35 anos, 19/03/2019) Eu pedia para o pessoal me mandar o currículo, tudo pelo facebook, então vinha os venezuelanos, eles mandam os currículos para mim e eu entro em contato com empresas... eu ligo e pergunto "Você está precisando de alguém? Posso te indicar?" Eu ligo para empresas que, muitas vezes, eu nem conheço. Eu vou ou ligo e me apresento "Olha, eu sou fulana de tal, sou daqui do bairro, eu sei que você tem uma empresa...". Às vezes eu nem conheço a pessoa, nem o venezuelano, mas é uma entrevista a mais, a minha parte está feita e vou encaminhando currículo nessas empresas... Mais ou menos uns 18 que eu consigo colocar nas empresas de trabalho. (Mária, 40 anos, 20/03/2019) O SEBRAE é uma instituição socialmente responsável, então nós temos produtos, linhas de atuação para o empreendedorismo direto daquele que está querendo montar alguma coisa e para aquele que já tem um negócio montado. Então, indistintamente, a gente atua para qualquer público... trabalhamos em parceria com a prefeitura Regional da Sé e também outras instituições próximas daqui da gente. Tentamos trazê-los para que eles participem do sistema formal instalado. (Gerlach, 16/05/2019) Esse trabalho, especificamente com os venezuelanos, nasce dessa relação de parceria com a Missão Paz, a subprefeitura regional da Sé e outras entidades que estão aqui também engajadas em tentar oferecer para eles um mínimo de estrutura, já que eles vêm de uma condição muito difícil, então a nossa atuação foi oferecer para eles o que a gente chama de Super MEI que é um curso de 5 dias, não há custo para a participação deles, a não ser a participação efetiva e a gente realizou com eles com boa adesão [...] (Gerlach, 16/05/2019) A gente "brifa" quem vai aplicar para que ele tenha a atenção no sentido de verificar, até por uma questão de língua, muitas vezes se o grupo que está ali teve [...]

Resumo Executivo

Desafios, limites e potencialidades do empreendedorismo de refugiados(as), solicitantes da condição de refugiado(a) e migrantes venezuelanos(as) no Brasil





Resumo Executivo

Desafios, limites e potencialidades do empreendedorismo de refugiados(as), solicitantes da condição de refugiado(a) e migrantes venezuelanos(as) no Brasil

ORGANIZADORES

Lúcia Maria de Assunção Barbosa

Tânia Mara Passarelli Tonhati

Miliana Ubiali Herrera

PESQUISADORES

Leonardo Cavalcanti da Silva

Gustavo da Frota Simões

Julia Faria Camargo

Paulo Henrique Rodrigues da Costa

Julho de 2020

Objetivo

O objetivo principal deste estudo foi compreender o perfil do(a) empreendedor(a) venezuelano(a) no Brasil. Para tal, analisamos o processo de migração desse coletivo e suas consequências para o desenvolvimento de negócios no país. A pesquisa mapeou a abertura e consolidação de empreendimentos e os obstáculos e fatores que facilitaram ou dificultaram sua viabilidade.

Metodologia



O estudo foi realizado durante o ano de 2019 e concentrou suas análises nos empreendimentos de migrantes, solicitantes da condição de refugiado(a) e refugiados(as) venezuelanos(as) nas cidades de Boa Vista (RR) e São Paulo (SP). A primeira cidade foi escolhida por concentrar o maior número de venezuelanos(as) que chegam, via fronteira norte, ao país. A segunda, por ser um dos principais destinos no processo de interiorização de nacionais da Venezuela.

A pesquisa optou por uma metodologia eminentemente qualitativa. Em ambas as localidades foi realizado um mapeamento dos empreendimentos venezuelanos, por meio da aplicação de questionários e pesquisa de campo (em ambientes presenciais e virtuais). Ademais, realizamos entrevistas semiestruturadas com venezuelanos(as) em São Paulo, e com agentes públicos e gerentes de instituições bancárias.

Resultados

Mapeamento

O estudo realizou um mapeamento dos empreendimentos venezuelanos nas cidades de Boa Vista e São Paulo. Com o objetivo de identificar:



1 As experiências com investimentos antes da vinda para o Brasil

A maioria dos(as) venezuelanos(as) entrevistados(as) havia tido experiências anteriores de negócios na Venezuela. Os(as) participantes relataram ter familiaridade com a ação empreendedora. No entanto, o estudo revelou que, no Brasil, não limitaram seus negócios às áreas nas quais já haviam trabalhado. A esse respeito, os(as) entrevistados(as) reportaram a necessidade de adaptarem seus negócios ao contexto brasileiro, o que corresponde a uma percepção estratégica de oportunidade de mercado.

As condições financeiras dos(as) entrevistados(as) para a efetivação dos negócios foram diversificadas. Em alguns casos, houve um investimento alto no empreendimento e, em outros, os valores foram modestos. Os valores investidos foram, geralmente, frutos de economias que trouxeram da Venezuela e/ou que pouparam aqui no Brasil, ou ainda resultado de ajudas da família.



2 Os principais setores e atividades de atuação

Os setores de maior atuação foram predominantemente o de alimentos (restaurantes, venda de alimentos, produtos alimentícios), seguido por serviços pessoais, com destaque para cabeleireiro, barbearia e manicure.



3 O número de funcionários

Com relação ao número de funcionários, em Boa Vista, os dados divergem de São Paulo, pois todos(as) os(as) respondentes de Boa Vista relataram não possuir qualquer funcionário assalariado, seja formal ou informal.

Em São Paulo, a maioria dos entrevistados não possuíam funcionários(as) formalmente contratados(as), mas contavam com o apoio de trabalhadores(as) informais. Também destacaram a intenção de empregar venezuelanos, sob o argumento de que - além de ajudar os(as) conterrâneos(as) - poderiam trazer mais identidade para seus negócios, uma vez que grande parte possuía empreendimentos étnicos no setor de “Alimentos e Bebidas”.



4 A média de faturamento

Em São Paulo foram reportadas remunerações maiores que as de Boa Vista, onde a maioria tem rendimentos abaixo do salário mínimo.

O faturamento mensal informado em São Paulo, entre as pessoas que aceitaram numerar o valor desse faturamento variou de R\$4.500,00 até R\$25.000,00.



5 As localidades dos empreendimentos

As localizações reportadas pelos(as) participantes da pesquisa são caracterizadas tanto por endereços virtuais, quanto por fixos. Há aqueles(as) que possuem apenas endereços digitais e trabalham com delivery, outros(as) com endereço fixos. Há também negócios ambulantes sem um local fixo. Esse último foi encontrado principalmente em Roraima. Tal fator demonstra uma precariedade do negócio, que se traduz como único meio de subsistência.

Diferentemente, de outras nacionalidades (por ex. japoneses, chineses...) que se estabeleceram em São Paulo há mais tempo, a população venezuelana ainda não possui um bairro que a identifique, pois, seus negócios são recentes e estão dispersos pela cidade e região metropolitana.



6 O público-alvo dos(as) venezuelanos(as) empreendedores(as)

Os empreendimentos pesquisados possuem uma clientela diversificada e, em sua maioria, atendem o público em geral. Poucos são voltados a um público específico como no caso do setor de serviços pessoais, a exemplo de barbearias onde é atendido especificamente o público masculino, e venda de cosmético/maquiagem e manicure que atende o público feminino.

Entretanto, para a maioria dos empreendimentos do setor de “Alimentação e Bebidas” os próprios refugiados(as) e migrantes são os clientes mais assíduos, com destaque para os venezuelanos(as) e haitianos(as). Os motivos para terem como clientela mais assídua, composta por co-nacionais e outros(as) migrantes ou refugiados(as) (em lugar de brasileiros), segundo os(as) entrevistados(as), deve-se ao fato da familiaridade com os gostos gastronômicos. Para os(as) entrevistados(as) existe, ainda, muito desconhecimento por parte dos(as) brasileiros(as) sobre culinária venezuelana e também uma certa desconfiança dos serviços prestados por essa comunidade.

A pesquisa revelou que a grande maioria dos negócios são caracterizados por serem **pequenas empresas, familiares e com baixos rendimentos.**



Média de Faturamento (mês)

São Paulo → R\$4.500,00 até R\$25.000,00

Boa Vista → Abaixo do salário mínimo (R\$ 1.045,00)



Número de Funcionários(as)

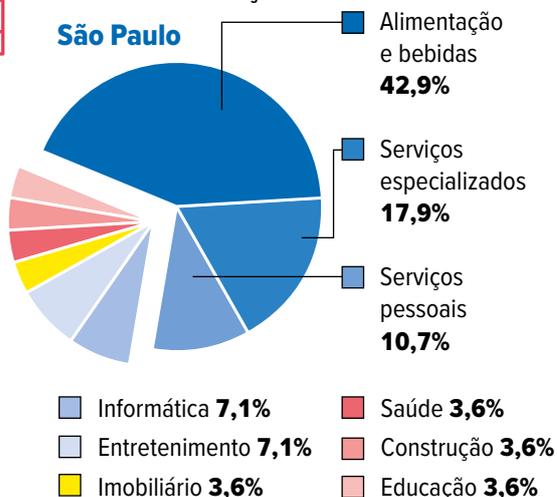
São Paulo → Maioria conta com apoio de trabalhadores(as) informais.

Boa Vista → Não possuem, nem formal nem informal.

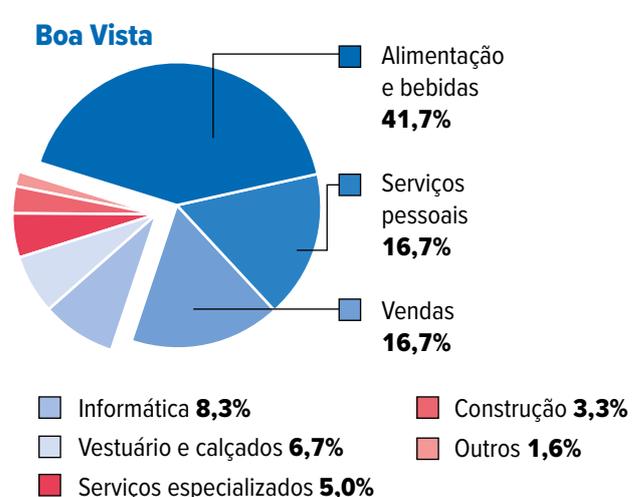


Setores de atuação

São Paulo



Boa Vista



Os fatores facilitadores para empreender

As entrevistas com venezuelanos(as) empreendedores(as) revelaram aspectos que favoreceram a consolidação de atitudes empreendedoras. Quatro fatores foram repetidamente reportados nas entrevistas como essenciais para a efetivação das atividades empreendedoras.

São eles:

1. As instituições que fazem atendimentos iniciais aos(as) refugiados(as) e migrantes;
2. As instituições que promovem a ação empreendedora;
3. O apoio familiar e de compatriotas;
4. O apoio das comunidades virtuais.

Fatores dificultadores para atividade empreendedora

Aspectos reportados que mais dificultaram e, ainda, dificultam a abertura de negócios no Brasil também foram identificados nesta pesquisa.

Aqui elencamos, por ordem de importância, hierarquizados(as) pelos(as) participantes.

1. Falta de informação em relação à documentação para abrir e manter um negócio;
2. Dificuldades no acesso ao crédito ou ao microcrédito;
3. O idioma português;

4. O alto custo de vida, com destaque para os aluguéis;
5. O abalo emocional, a preocupação e responsabilidade com a família que ficou na Venezuela.

Para os(as) venezuelanos(as), o dinheiro recebido com o empreendimento não pode ser poupado apenas para atender à aspiração de empreender, mas deve ser dividido para subsidiar os familiares que permaneceram na Venezuela. Por isso, a ação empreendedora para o(a) refugiado(a) e migrante precisa fazer um paralelo entre investir no empreendimento e agir para melhorar o contexto familiar.



Política de crédito bancário para refugiados(as) e migrantes

No intuito de melhor compreender as possibilidades do(a) empreendedor(a) venezuelano(a), o estudo realizou algumas entrevistas com os principais bancos brasileiros (Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco Santander, Banco Bradesco e Banco Itaú). O objetivo dessa parte do estudo foi compreender a política desses bancos em relação ao público migrante, solicitantes da condição de refugiado(a) e refugiado(a) no país.

Os bancos pesquisados afirmaram não possuir linha de crédito específica para o atendimento aos(as) refugiados(as) ou migrantes, nem ação específica para a promoção do empreendedorismo deste grupo.

Sendo assim, as exigências para que migrantes, solicitantes da condição de refugiado(a) e refugiados(as) acessem linhas de crédito são as mesmas exigidas aos solicitantes brasileiros.

Dentre as dificuldades para acessar crédito bancário, as que mais se destacaram foram:

1. Pouco tempo como cliente do banco;
2. Não ter histórico de assalariado(a) no Brasil;
3. Pouco tempo de CNPJ;
4. Não ter imóvel no Brasil e
5. Não ter como comprovar fluxo de caixa.

O(a) empreendedor(a) venezuelano(a) apontou fatores que poderiam impulsionar seus negócios

Ao serem questionados(as) diretamente sobre os pontos que poderiam promover seus negócios, os(as) entrevistados(as) apontaram os seguintes fatores, nessa ordem de importância:

1. Facilidades e oportunidades para a obtenção de empréstimos;
2. Capacitação para empreender;
3. Cursos de formação;
4. Apoio para o uso de ferramentas que impulsionam as propagandas nas redes sociais;
5. Participação em cursos de língua portuguesa, especialmente cursos voltados para o mercado de trabalho ou para abrir um negócio;
6. Promoção de espaços físicos temáticos, como feiras especializadas em produtos venezuelanos;

7. Publicidade da cultura venezuelana para os brasileiros;
8. Empoderamento de refugiados(as), migrantes e solicitantes da condição de refugiado(a);
9. Espaços de orientação sobre direitos e deveres dos empreendedores(as).
10. Em Boa Vista, os(as) entrevistados(as) apontaram a importância de se apoiar o processo de interiorização, pois consideram que, em Roraima, o mercado está saturado para empreender. Desse modo, a mudança para outro local seria benéfico.



Inserção linguístico-cultural e o empreendedorismo

Partindo do entendimento de que a língua é um vetor de afetividades, solidariedades e fortalecimento das relações cotidianas, o estudo identificou que a aprendizagem da língua e da cultura ultrapassa as paredes da sala de aula. As aproximações que ocorrem nas interações do dia-a-dia exercem um papel fundamental que podem tanto afastar quanto aproximar quem chega e quem recebe (ou acolhe).

O idioma foi considerado um obstáculo apontado pelos(as) participantes da pesquisa, principalmente entre os(as) empreendedores(as) que atendem o público, como é o caso de empreendimentos do ramo da gastronomia de rua.

Para os grupos que se ocupam do ensino da língua nesse contexto, a escolha de conjuntos de textos referentes a profissões presentes na sala de aula pode ser um ponto de partida importante. Além disso, é desejável estabelecer uma escala de competências linguístico-culturais fundamentais para o grupo, explicitando as finalidades de uma formação com esse objetivo.



Considerações Finais

O estudo demonstrou que para compreender e potencializar o(a) empreendedor(a) venezuelano(a) no Brasil, é necessário considerar o seu processo migratório e sua experiência com negócios.

A análise das condições que perpassam os(as) venezuelanos(as) foi relevante para uma melhor compreensão dos aspectos facilitadores e dos obstáculos que esse coletivo tem para empreender.

Uma característica marcante da maioria dos empreendimentos pesquisados, tanto em São Paulo quanto em Boa Vista, é que estão em fase de criação e de consolidação. Em Boa Vista, o estado dos empreendimentos é primário independentemente do tempo de vida do negócio. Em São Paulo há estabelecimentos que caminham para uma maior consolidação.

Este estudo mostrou passos importantes para construção de políticas públicas, que podem fomentar espaços e ampliar as condições econômicas e de informações para esses(as) refugiados(as) e migrantes. Ampliar os fatores facilitadores aqui apresentados e superar os obstáculos é imprescindível para a inserção dos(as) venezuelanos(as) no mercado de trabalho brasileiro como empreendedores(as).

Entre esses caminhos estão a facilitação do acesso ao crédito, o acesso à informação referente ao processo de empreender no Brasil e a valorização do(a) migrante, solicitante da condição de refugiado(a) e da cultura venezuelana junto à sociedade brasileira.



[...] nós sempre tivemos uma situação econômica muito boa na minha casa, mas agora está ruim e eu acho que vai ficar cada vez mais ruim, mas normalmente a gente morava muito bem. Tínhamos todas as coisas certinhas, mas a inflação a cada ano foi acrescentando mais valor às coisas, mas a gente sempre trabalhou muito, tínhamos as coisas certinhas, mas agora não conseguimos mais fazer. Então a situação econômica como tal a gente tinha boa, mas a inflação cada dia aumenta mais e mais. (Araguaneý, 31 anos, 04/04/2019) Para o empregador isso (ser formado) era ruim, porque eu fui a várias entrevistas de trabalho na Missão Paz, que eles têm entrevistas de terça e quinta com empregadores e eu sempre passava para segunda fase, mas aí me diziam "Ah! Mas você é formado?". E eu dizia "Qual é o problema?", e eles respondiam "Ah, mas você já é formado, você já fala diferente". Diziam que eu tinha um outro perfil e não era o que eles estavam procurando. (Carlos, 35 anos, 19/03/2019) Primeiro entra como turista e pode ficar por três meses, aí eu optei pela residência temporária. Aí, como eu cheguei por aí, eu tive que sair pra fazer a entrada terrestre e conseguir o selo para fazer o pedido de residência temporária. Agora esse ano tenho que renovar e acho que vou tirar a permanente. (Rafael, 28 anos, 27/03/2019) Chegando aqui em Cáritas eles me acolhem e o advogado de lá me orientou como eu tinha que fazer o tratamento com CONARE... ele também me ajudou a contar a minha história, o porquê que eu era solicitante de refúgio, que no meu caso foi porque eu sofri perseguição política, então eu expliquei tudo para ele, tive que mostrar todas as provas que eu tinha, não sei se foi influência ou casualidade, mas depois de uma semana fui chamado para o CONARE para fazer a entrevista... (Carlos, 35 anos, 19/03/2019). [...] eu vim e eu chorei no caminho, chorei, chorei e chorei. Fiquei um dia sem comer. Eu tinha comida, mas não dava vontade de comer, aí eu peguei uma carona para um lugar que chama San Fel, mas trazia pouco dinheiro... em Santa Helena não tinha sobrado dinheiro para pagar até Pacaraima, então tivemos que caminhar. Eu caminhei um dia e 8 horas. Vimos em oito pessoas, aí parou um carro pequeno, uma família brasileira e disse "Só temos um lugar", era pequeno (o carro), mas o mais fraco era eu, eu era o mais fraco... Tava uma senhora e esse senhora disse que sentia desconfiança de ir sozinho, então me disse "Vai você", mas eu já ouvia falar que havia brasileiro que maltratava venezuelanos, mas fui... (Omar, 31 anos, 22/02/2019) Já em 2013 estava super ruim para conseguir coisas, só que nós sempre não achávamos que estava ruim, sempre dávamos um jeito, tínhamos nosso trabalho, ganhávamos bem, depois o salário não dava mais pra nada... então realizei que tinha tempo que não achávamos leite, o que é muito básico, então nós nos demos conta do que estava acontecendo, foi como um choque... (Rosalva, 35 anos, 27/03/2019). Nossa! Para toda pessoa que decide migrar é forte. É forte em todos os sentidos. Você deixa sua família, um lar, suas coisas, seus sonhos... é forte completamente. Ir para um lugar onde você não conhece ninguém, começar do zero. Totalmente forte. (Araguaneý, 31 anos, 2019) Eu cheguei com vontade de trabalhar e perguntei pra ele (conhecido) "Onde arrumo trabalho?" e ele me disse "Não, aqui não tem trabalho, olha a quantidade de gente na rua, você não vai conseguir aqui" e eu pensei "vou procurar trabalho" e eu comecei, eu caminhava horas e horas... sem comer. Era época de manga e eu podia permissão para pegar uma manga e comia... Havia um restaurante perto que o dono não deixava que nos dessem comida, mas a empregada, pela parte de trás colocava a comida numa sacola e colocava no lixo... mas não era todos os dias... a fome não deixa a gente pensar e às vezes eu estive doente... (Omar, 31 anos, 22/02/2019) Eu sempre tive a mentalidade de empreender, mesmo estudando engenharia eu já estava com a mentalidade de empreender. Eu estava empreendendo lá. Quando eu vim eu dei uma empresa que eu fiz com uma amiga, então o empreendimento sempre esteve em mim. Quando eu cheguei aqui, a ideia era essa também. "Vou fazer um negócio, sei conseguir um trabalho como engenheiro legal, mas não é o que eu queria pra mim... (Rafael, 28 anos, 27/03/2019) [...] no meu caso pessoal foi determinante (para minha saída) quando o governo colocou uma lei para indústria de alimentos, que era a que eu trabalhava, e ele falou que a partir do mês X as indústrias de alimentos, só iam poder vender x quantidade de produtos e eu fiquei revoltada... eu não sou empreendedora, empresária, para o governo me dizer quanto que eu vou ganhar, para isso eu passo a ser empregada. (Patrícia, 27 anos, 18/04/2019) [...] minha outra irmã que ainda está na Venezuela, ela tem um bebê de dois anos e ela me falou ontem que acabou a comida dela, ontem à noite, o bebê comeu a última porção que tinha de comida e ficou com fome e ficou chorando e ela não sabia o que ia dar hoje (choro). Então você faz um plano? O que é o futuro pra você? O que é o futuro? Eu só penso que tudo o que eu faço é para garantir o impulso do meu filho, só isso." (Dinorah, 41 anos, 22/03/2019) Na minha vida eu não fiz nada disso para eu fazer de abrir uma empresa, sei lá... eu estudei e me dediquei a fazer teatro, a cantar e dar aula. Desde a minha infância. Até que eu vim para cá. Aqui é muito difícil... Migrar! vai dar um jeito, vamos tentar fazer coisas interessantes, eu estou achando muito bom. (Dinorah, 41 anos, 22/03/2019) Na Venezuela tenho uma empresa de eventos infantis. Minha intenção de vir para cá é de começar novamente e trazer a empresa, não traze-la propriamente, mas fazê-la aqui. Começar aqui com esse tipo de negócio. Oferecemos decoração, brinquedos infláveis, pula-pula, mesas e cadeiras. Na verdade, estamos trabalhando nisso há 10 anos na Venezuela. Já temos bastante experiência [...] (Miguel, 32 anos, 18/03/2019) [...] a gente (ela e o marido) havia ido na prefeitura e lá nos entregaram um monte de requisitos dizendo que tínhamos que ter um alvará, que tínhamos que ter um lugar com não sei quantos metros para o funcionamento, que a cozinha tinha que ter uma medida que eu não sei, que não poderia ter botijão perto. Eu pensava que era muito difícil eu explicava que eu ia cozinhar em casa, mas eles diziam que, mesmo em casa, eu tinha que esperar a licença para produzir, então eu desanimei [...] Se a Fy tiver vários anos de auto sustentabilidade e já estiver trabalhando por si só, eu quero levar isso para a Venezuela e para outros países obviamente, então essa seria minha visão. E eu quero muito fazer uma escola Fy, que seja um colégio privado, lá na Brasília... acessível para as pessoas de periferia e com muita qualidade [...] (Patrícia, 27 anos, 18/04/2019) [...] para ter a atenção original (no restaurante) nada melhor que um venezuelano, então nós tentamos contratar venezuelanos, mas também para ajudar eles que estão em uma situação complicada e também para manter essa filosofia: uma atenção venezuelana. Também quem cozinha são venezuelanas. Então manter a tradição 100%. O mais original possível. (Rafael, 28 anos, 27/03/2019) Eu vi uma coisa interessante para estar entrando com o tema de carros elétricos, então uma solução que vi, que já vai ser obrigatório, é a instalação de aparelhos para conectar os veículos para carregar nos prédios. Então eu acho que o "Ivan faz tudo" com curso de eletricidade já formado pode fazer [...] (Ivan, 44 anos, 28/02/2019) [...] fui para Cáritas da Sé, me cadastrei, vi os programas que eles ofereciam e de Cáritas me ligaram sobre um programa da Migrafix de cadastro de pessoas que mexiam com gastronomia e disseram que nós havíamos sido selecionados para participar, então nós fomos e apresentamos nosso produto. (Carolina, 36 anos, 25/03/2019) [...] conheci as pessoas do "Estou Refugiado", uma ONG. Na verdade nessa época eu estava muito desanimado, então eles falaram "Vamos fazer o currículo. Nós temos um banco de dados", aí eu falei "Ah, tudo bem", mas eu tava muito desanimado... eles me ligaram e tinha um emprego para mim... um restaurante... Foi o meu primeiro trabalho registrado, eu fiquei lá um ano e meio e eu sai por mim, eles não me mandaram embora, é porque eu já queria fazer outras coisas, eu queria me dedicar mais ao negócio que a gente (ele e a esposa) tinha aberto. (Carlos, 35 anos, 19/03/2019) Eu pedia para o pessoal me mandar o currículo, tudo pelo facebook, então vinha os venezuelanos, eles mandam os currículos para mim e eu entro em contato com empresas... eu ligo e pergunto "Você está precisando de alguém? Posso te indicar?" Eu ligo para empresas que, muitas vezes, eu nem conheço. Eu vou ou ligo e me apresento "Olha, eu sou fulana de tal, sou daqui do bairro, eu sei que você tem uma empresa..." As vezes eu nem conheço a pessoa, nem o venezuelano, mas é uma entrevista a mais, a minha parte está feita e vou encaminhando currículo nessas empresas... Mais ou menos uns 18 que eu consegui colocar nas empresas de trabalho. (Maria, 40 anos, 20/03/2019) O SEBRAE é uma instituição socialmente responsável então nós temos produtos, linhas de atuação, para o empreendedorismo direto daquele que está querendo montar alguma coisa e para aquele que já tem um negócio montado. Então, indistintamente, a gente atua para qualquer público... trabalhamos em parceria com a prefeitura Regional da Sé e também outras instituições próximas daqui da gente. Tentamos trazê-los para que eles participem do sistema formal instalado. (Gerlach, 16/05/2019) Esse trabalho, especificamente com os venezuelanos, nasce dessa rede de parceria com a Missão Paz, a subprefeitura regional da Sé e outras entidades que estão aqui também engajadas em tentar oferecer para eles um mínimo de estrutura. Já que eles vêm de uma condição muito difícil, então a nossa atuação foi oferecer para eles o que a gente chama de Super MEI que é um curso de 5 dias, não há custo para a participação deles, a não ser a participação efetiva e a gente realizou com eles com boa adesão [...] (Gerlach, 16/05/2019) A gente "brilha" quem vai aplicar para que ele tenha a atenção no sentido de verificar, até por uma questão de língua, muitas vezes se o grupo que está ali leve [...] nós sempre tivemos uma situação econômica muito boa na minha casa, mas agora está ruim e eu acho que vai ficar cada vez mais ruim, mas normalmente a gente morava muito bem. Tínhamos todas as coisas certinhas, mas a inflação a cada ano foi acrescentando mais valor às coisas, mas a gente sempre trabalhou muito, tínhamos as coisas certinhas, mas agora não conseguimos mais fazer. Então a situação econômica como tal a gente tinha boa, mas a inflação cada dia aumenta mais e mais. (Araguaneý, 31 anos, 04/04/2019) Para o empregador isso (ser formado) era ruim, porque eu fui a várias entrevistas de trabalho na Missão Paz, que eles têm entrevistas de terça e quinta com empregadores e eu sempre passava para segunda fase, mas aí me diziam "Ah! Mas você é formado". E eu dizia "Qual é o problema?", e eles respondiam "Ah, mas você já é formado, você já fala diferente". Diziam que eu tinha um outro perfil e não era o que eles estavam procurando. (Carlos, 35 anos, 19/03/2019) Primeiro entra como turista e pode ficar por três meses, aí eu optei pela residência temporária. Aí, como eu cheguei por aí, eu tive que sair pra fazer a entrada terrestre e conseguir o selo para fazer o pedido de residência temporária. Agora esse ano tenho que renovar e acho que vou tirar a permanente. (Rafael, 28 anos, 27/03/2019) Chegando aqui em Cáritas eles me acolhem e o advogado de lá me orientou como eu tinha que fazer o tratamento com CONARE... ele também me ajudou a contar a minha história, o porquê que eu era solicitante de refúgio, que no meu caso foi porque eu sofri perseguição política, então eu expliquei tudo para ele, tive que mostrar todas as provas que eu tinha, não sei se foi influência ou casualidade, mas depois de uma semana fui chamado para o CONARE para fazer a entrevista... (Carlos, 35 anos, 19/03/2019). [...] eu vim e eu chorei no caminho, chorei, chorei e chorei. Fiquei um dia sem comer. Eu tinha comida, mas não dava vontade de comer, aí eu peguei uma carona para um lugar que chama San Fel, mas trazia pouco dinheiro... em Santa Helena não tinha sobrado dinheiro para pagar até Pacaraima, então tivemos que caminhar. Eu caminhei um dia e 8 horas. Vimos em oito pessoas, aí parou um carro pequeno, uma família brasileira e disse "Só temos um lugar", era pequeno (o carro), mas o mais fraco era eu, eu era o mais fraco... Tava uma senhora e esse senhora disse que sentia desconfiança de ir sozinho, então me disse "Vai você", mas eu já ouvia falar que havia brasileiro que maltratava venezuelanos, mas fui... (Omar, 31 anos, 22/02/2019) Já em 2013 estava super ruim para conseguir coisas, só que nós sempre não achávamos que estava ruim, sempre dávamos um jeito, tínhamos nosso trabalho, ganhávamos bem, depois o salário não dava mais pra nada... então realizei que tinha tempo que não achávamos leite, o que é muito básico, então nós nos demos conta do que estava acontecendo, foi como um choque... (Rosalva, 35 anos, 27/03/2019). Nossa! Para toda pessoa que decide migrar é forte. É forte em todos os sentidos. Você deixa sua família, um lar, suas coisas, seus sonhos... é forte completamente. Ir para um lugar onde você não conhece ninguém, começar do zero. Totalmente forte. (Araguaneý, 31 anos, 2019) Eu cheguei com vontade de trabalhar e perguntei pra ele (conhecido) "Onde arrumo trabalho?" e ele me disse "Não, aqui não tem trabalho, olha a quantidade de gente na rua, você não vai conseguir aqui" e eu pensei "vou procurar trabalho" e eu comecei, eu caminhava horas e horas... sem comer. Era época de manga e eu podia permissão para pegar uma manga e comia... Havia um restaurante perto que o dono não deixava que nos dessem comida, mas a empregada, pela parte de trás colocava a comida numa sacola e colocava no lixo... mas não era todos os dias... a fome não deixa a gente pensar [...] 22/02/2019)



@ACNURBrasil
/ACNURPortugues

@acnurbrasil
/company/acnurportugues

acnur.org.br

acnur.org (Espanhol)
unhcr.org (Inglês)